

LEMBRANÇAS IMPORTANTES PARA ESTUDAR AS HISTÓRIAS DA BÍBLIA

Primero, lembre-se que a Bíblia é formada por um conjunto de livros. Seus autores os produziram para atender uma circunstância bem específica que precisava da sua interferência. Os livros que você tem hoje nas mãos são respostas que homens inspirados pelo Espírito de Deus deram aos problemas dos seus destinatários.

Segundo, nenhum livro da Bíblia é um tratado teológico ou compêndio de teologia. Não falam tudo. Mencionam apenas o que era necessário para o leitor original e, como consequência, para nós hoje também. Não temos como encontrar todas as respostas num livro da Bíblia, mas apenas o que precisamos.

Terceiro, os textos bíblicos foram escritos primeiramente para comunidades judaicas ou cristãs da antiguidade, e não para um brasileiro do século vinte e um.

Estes fatores mencionados, e outros não arrolados, nos levam a buscar informações históricas sobre os livros. Neste caso, quanto mais conhecermos, melhor é! Dados como autoria, data e, principalmente, propósito, são questões centrais no processo de leitura e compreensão da Bíblia.

Com isso em mente, vamos estudar as histórias de Esdras, Neemias e Ester.

Atitude

REVISTA DO JOVEM CRISTÃO

Atitude Aluno é uma revista que destina-se aos jovens (18 a 35 anos), contendo lições para a Escola Bíblica Dominical, artigos gerais, passatempos bíblicos e outras matérias que promovem o aperfeiçoamento do jovem nas mais diferentes áreas

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

Redação

Valtair Afonso Miranda

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higinio, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1ª Andar – Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
literatura@convicaoeditora.com.br

ISSN 1984-8633

LITERATURA BATISTA
ANO CXII – Nº 445

AUTOR DOS ESTUDOS DA EBD

ELCIO SANT'ANNA

Coopera com a Igreja Batista Canaã em Belém, PA, bacharel em Teologia, mestre em Teologia e Ciências da Religião, e doutor em Ciências Sociais. É professor da Faculdade Batista Equatorial. Casado com a Profª Olga Maria Rodrigues Nogueira Sant'Anna.

NOTA DA REDAÇÃO

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões do corpo redatorial da revista

//SUMÁRIO

//EBD

LIÇÃO 1 – Tempo de recomeçar	8
LIÇÃO 2 – Encarando os maus vizinhos	14
LIÇÃO 3 – Uma luta atrás da outra	19
LIÇÃO 4 – Um templo para adoração	24
LIÇÃO 5 – A chegada de Esdras	29
LIÇÃO 6 – Um corte na própria carne	34
LIÇÃO 7 – A chegada de Neemias	39
LIÇÃO 8 – As pedras no caminho	44
LIÇÃO 9 – A obra não pode parar	49
LIÇÃO 10 – Prontos para ouvir a voz do Senhor	54
LIÇÃO 11 – Um compromisso assumido	59
LIÇÃO 12 – A reconstrução concluída	63
LIÇÃO 13 – Uma história para ser lembrada	68

//SEMPRE EM ATITUDE

Leitura bíblica	4
Tema da EBD	5
Poesia	81

//CRESCIMENTO JOVEM

A síndrome de Belchior	73
Metanoia: o que isto tem a ver com a juventude?	75
O padrão bíblico de nossos dias	83
A igreja também precisa de autoanálise	91
O caminho do perdão	93

» LEITURA BÍBLICA

Semana 1

SEG	2Crônicas 36.22,23
TER	Esdras 1.1-4
QUA	Esdras 1.5-11
QUI	Esdras 2.1,2, 59-63
SEX	Esdras 2.64-70
SÁB	Esdras 3.1-7
DOM	Esdras 3.8-13

Semana 2

SEG	Esdras 4.1-3
TER	Esdras 4.4,5
QUA	Esdras 4.6,7
QUI	Esdras 4.8-10
SEX	Esdras 4.11-16
SÁB	Esdras 4.17-22
DOM	Esdras 4.23,24

Semana 3

SEG	Esdras 5.1,2
TER	Esdras 5.3-5
QUA	Esdras 5.6,7
QUI	Esdras 5.8-10
SEX	Esdras 5.11-13
SÁB	Esdras 5.14,15
DOM	Esdras 5.16,17

Semana 4

SEG	Esdras 6.1,2
TER	Esdras 6.3-5
QUA	Esdras 6.6,7
QUI	Esdras 6.8-12
SEX	Esdras 6.13-15
SÁB	Esdras 6.16-18
DOM	Esdras 6.19-29

Semana 5

SEG	Esdras 7.1-10
TER	Esdras 7.11-20
QUA	Esdras 7.21-24
QUI	Esdras 7.25-28
SEX	Esdras 8.1-20
SÁB	Esdras 8.21-30
DOM	Esdras 8.31-36

Semana 6

SEG	Esdras 9.1-5
TER	Esdras 9.6-9
QUA	Esdras 9.10-15
QUI	Esdras 10.1-4
SEX	Esdras 10.5-9
SÁB	Esdras 10.10-17
DOM	Esdras 10.18-44

Semana 7

SEG	Neemias 1.1-4
TER	Neemias 1.5-11
QUA	Neemias 2.1-11
QUI	Neemias 2.12-20
SEX	Neemias 3.1-12
SÁB	Neemias 3.13-22
DOM	Neemias 3.23-32

Semana 8

SEG	Neemias 4.1-6
TER	Neemias 4.7-14
QUA	Neemias 4.15-18
QUI	Neemias 4.19-23
SEX	Neemias 5.1-6
SÁB	Neemias 5.7-14
DOM	Neemias 5.15-19

Semana 9

SEG	Neemias 6.1-4
TER	Neemias 6.5-9
QUA	Neemias 6.10-14
QUI	Neemias 6.15-19
SEX	Neemias 7.1-7
SÁB	Neemias 7.8-63
DOM	Neemias 7.64-73

Semana 10

SEG	Neemias 8.1-5
TER	Neemias 8.6-12
QUA	Neemias 8.13-18
QUI	Neemias 9.1-5
SEX	Neemias 9.6-21
SÁB	Neemias 9.22-29
DOM	Neemias 9.30-38

Semana 11

SEG	Neemias 10.1-28
TER	Neemias 10.29-32
QUA	Neemias 10.33-36
QUI	Neemias 10.37-39
SEX	Neemias 11.1-9
SÁB	Neemias 11.10-24
DOM	Neemias 11.25-36

Semana 12

SEG	Neemias 12.1-26
TER	Neemias 12.27-36
QUA	Neemias 12.37-43
QUI	Neemias 12.44-47
SEX	Neemias 13.1-14
SÁB	Neemias 13.15-22
DOM	Neemias 13.23-31

Semana 13

SEG	Ester 1 e 2
TER	Ester 3
QUA	Ester 4
QUI	Ester 5
SEX	Ester 6
SÁB	Ester 7 e 8
DOM	Ester 9 e 10



UMA PEQUENA INTRODUÇÃO HISTÓRICA

VALTAIR A. MIRANDA

São Gonçalo, RJ

ESDRAS

1. Quem escreveu?

Os dois livros de Crônicas, junto com Esdras e Neemias, são produzidos por uma só tradição histórica. Isso significa que, mesmo que não seja fruto de um único autor, provém de uma mesma perspectiva, uma mesma teologia, uma mesma visão. Os estudiosos denominam o fenômeno de escola teológica. A tradição que teria produzido 1Crônicas, 2Crônicas, Esdras e Neemias é chamada, normalmente, de escola cronista.

Existe uma tradição judaico-cristã, entretanto, que liga estes livros à pena de Esdras, o sacerdote da diáspora que veio para Jerusalém atuar na restauração do povo de Deus.

2. Quando foi escrito?

Estas obras nascem após as viagens de Esdras e Neemias. Isto, junto com a linguagem, o estilo e ideologia típica da liderança sacerdotal, a genealogia de Davi e o fato do livro ocupar o último lugar na Escritura judaica (o que reflete, de uma certa forma, a ordem de admissão no cânon), as colocam como fruto do IV século.

Nesse período, o templo já está reedificado e a grande preocupação da liderança judaica é quanto ao futuro da nação, de certa forma ainda incerto e aberto.

Os grandes temas dessa época eram o templo, o culto e a esperança messiânica. Cada um desses assuntos está no núcleo desse conjunto literário.

3. Por que o livro foi escrito?

O que estes livros pretendiam era repensar o valor do templo e da monarquia davídica para a restauração dos judeus. Davi, junto com o messianismo e o templo são os principais personagens das histórias do cronista. A inclusão de uma série de biografias e genealogias indica que tentavam, também, demonstrar a relação direta entre o povo de antes do exílio com a comunidade judaica pós-exílica.

4. Síntese do livro

Uma das levas de judeus que retornam para a Palestina é conduzida por Zorobabel, em 527 a.C. Incentivados pelos profetas Ageu e Zacarias, o povo reconstrói o templo e o rededica ao serviço religioso. Com a retomada do culto, os sacerdotes voltam a sacrificar. Com a ausência de independência política, são eles que lideram o povo.

O livro de Esdras passa a narrar, então, a reforma religiosa promovida pelo sacerdote Esdras várias décadas depois de Zorobabel. Ele segue, em meados de 458, munido de cartas e autorizações para a Palestina. Sob sua orientação, o povo se aproxima da Escritura. Talvez ele promova alguma espécie de organização escriturística no seu tempo, editando livros e atualizando outros.

Como consequência dessa reforma, os judeus são exortados ao cumprimento completo dos mandamentos divinos, inclusive, promovendo limi-

tes étnicos no meio do povo. Muitas mulheres gentias são enviadas de volta à suas casas por judeus contristados pela mensagem de Esdras.

5. Esboço do livro

Esdras 1.1-6.22 – A reconstrução do templo de Zorobabel

Esdras 7.1-10.44 – A reforma moral do povo de Deus

NEEMIAS

1. Síntese do livro

Os babilônios foram sucedidos no domínio mundial pelos persas. Eles tinham uma política de controle diferente dos impérios anteriores. Os persas desejavam agradar seus conquistados, o que faz com que os judeus recebam permissão para voltar para a Palestina.

Muita coisa mudou desde os tempos da monarquia unida. Uma ou outra novidade era boa para o povo, mas naquele momento era difícil afirmar o que era ou não salutar para a nação.

Aqueles que desejaram voltar a se estabelecer na terra retornaram em grupos. Os judeus tinham a oportunidade de reconstruir a nação, com exceção da estrutura política. Eles não são mais uma nação, mas uma comunidade religiosa.

Receberam o apoio dos persas para reconstruir a capital Jerusalém e o próprio templo, possivelmente como estratégia para o controle sobre a região, um importante corredor comercial.

A primeira leva de judeus desceu sob a liderança de Zorobabel. Foram seguidos, quase 100 anos depois, por um outro grupo sob a liderança de Esdras. Uma terceira leva voltou com Neemias em 448 antes de Cristo. A tarefa de Neemias era reestruturar socialmente o povo que, apesar de ter de volta o seu templo, não tinha ainda a proteção de um centro político.

Neemias mostrou-se um excelente administrador. Em pouco tempo, reformou os muros de Jerusalém, que passa a servir como capital da província persa da Judeia. Ele ainda promoveu uma reorganização social e civil, estruturando os registros de casamento e natalidade.

As narrativas de Esdras e Neemias estão intrinsecamente ligadas. Há momentos em que os dois personagens passeiam ao mesmo tempo pelas mesmas estradas empoeiradas da Palestina.

2. Esboço do livro

Neemias 1.1-7.73 – A reconstrução dos muros sob a direção de Neemias

Neemias 8.1-10.39 – A reforma religiosa sob a direção de Esdras

Neemias 11.1-13.31 – A reestruturação civil sob a direção de Neemias

ESTER

1. Síntese do livro

O livro narra a história de uma judia chamada Ester que, com a ajuda de um parente próximo, consegue impedir um grande extermínio de judeus

Se a infidelidade
a Deus os havia
mandado para
o exílio, era a fé
em Deus que os
salvaria nele

na Babilônia. Ela se casou com um rei persa na cidade de Susã. Ao lado desse rei, consegue levá-lo a descobrir as intenções assassinas de um dos seus líderes a tempo de impedi-lo. O sucesso de Ester é tão grande que ela consegue autorização para que todos os judeus do império realizem atos sangrentos de autodefesa contra seus inimigos.

Uma das coisas que chama a atenção nessa história é que em nenhum lugar do livro o nome de Deus é mencionado. É verdade que os judeus são discriminados pela sua prática religiosa, mas ela não é sequer mencionada.

O que significaria isto? Talvez seja uma demonstração de que nesta época as crises do povo não são mais com Deus, mas com o contexto opressor. Se a infidelidade a Deus os havia mandado para o exílio, era a fé em Deus que os salvaria nele.

2. Esboço do livro

Ester 1-5 – Perigo de extermínio

Ester 6-10 – Livramento e exaltação dos judeus

TEMPO DE RECOMEÇAR

TEXTO BÍBLICO

2CRÔNICAS 36.22,23;
ESDRAS 1.1-3.13

TEXTO ÁUREO

ESDRAS 3.11

» PRA COMEÇAR

Vamos estudar sobre o período da restauração do povo de Israel, mas por que estudar fatos tão antigos? Como será que tais informações podem ser úteis para nós que vivemos numa sociedade que tem sido chamada de “líquido-moderna” (BAUMAN), em que as coisas são tão fluídas que “ações e estratégias” do nosso cotidiano são mais lentas e obsoletas que as dificuldades que passamos constantemente? O nosso modo de vida se tornou como rio. As coisas hoje mais fluídas que antes poderiam ser usadas para nos dar segurança já não fazem mais efeito. Não é à toa que alguns também têm pensado que temos vivido numa espécie de “desordem mundial” (MUNIZ BANDEIRA), os megagrupos corporativos estão tomando a “direção” da nossa vida e as instituições que deveriam garantir o bem maior têm se curvado a interesses de poucos. Para alguns, as drogas têm sido a única alternativa. Pais e mães não têm conseguido alimentar seus filhos. E a corrupção, em vez de exceção, tornou-se um estado generalizado. Por isso, não conseguimos nos sentir seguros sob qualquer aspecto do nosso dia a dia.

» COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

1. Cumprindo a promessa (2Cr 36.22-23; Ed 1.1-3) – O povo de Israel tinha passado por décadas muito duras. Uma parcela da população tinha sido levada para exílio nas regiões do entorno da Babilônia. O outro grupo significativo, quase 55 mil, tinha ficado em Judá (GUNNEWEG). Outros ainda tinham fugido para o Egito, arrastando Jeremias consigo (Jr 43.7). Assim Israel estava vivendo uma dispersão, que depois se configurou como metrópole e colônias judaicas (GOTTWALD). A identidade, o jeito de ser do povo judeu, estava totalmente arruinada.

Nesse contexto, aconteceu uma daquelas coisas que mudam tudo na história (a revolução francesa, a queda do muro de Berlim, a destruição do edifício World Trade Center, o surgimento do Estado Islâmico etc.). Um rei de um povo até então obscuro conquistou Babilônia, a capital de um dos maiores impérios da antiguidade. Tudo aconteceu numa noite (Dn 5.30,31). Todo mundo foi pego de surpresa, menos o profeta Jeremias. Este tinha dito: “Aguçai as flechas! Preparai os escudos! O Senhor despertou o espírito dos reis dos medos; porque o seu intento contra a Babilônia é para a destruir; pois esta é a vingança do Senhor, a vingança do seu templo” (Jr 51.11). Assim como o profeta Isaías que

anunciara a chegada do rei Ciro à história do povo de Israel como o ungido do Senhor (Is 45.1-7).

O texto de 2Crônicas 36.22-23 apresenta um espelhamento de Esdras 1.1-4. Do ponto de vista da redação, é o mesmo texto, revelando que os autores de 2Crônicas e o livro de Esdras têm uma fonte comum. Na verdade, estes textos poderiam ter sido produzidos no mesmo círculo de autores.

Segundo a informação apresentada ali, a Palavra do Senhor se “cumpriu” (como um copo que transbordou) com a ascensão do rei da Pérsia. Em 539 a.C., Ciro, após ter conquistado Babilônia, sem provocar um banho de sangue, decretou em seu famoso cilo ou cilindro que todos os povos deportados pelos caldeus seriam repatriados.

O Espírito do Senhor “despertou o espírito do rei persa”. Assim o rei diz: “*todos os reinos da terra, deu a mim, YHWH Deus dos céus (...)*” (2Cr 36.23a; Ed 1.2a – E.S.).¹ O rei em seu edito diz que a razão para isso é que deveria “*construir uma casa em Jerusalém (...)* e todo povo iria subir com YHWH Deus” (2Cr 36.23b; Ed 1.2b – E.S.). Dessa maneira Israel começou a

¹ Em nossos estudos, faremos uso de uma tradução mais literal e provisória da Bíblia Hebraica. Indicaremos essa tradução própria pela sigla E.S.

reaprender que vale a pena esperar no Senhor. O Senhor é um rochedo forte, e suas promessas não falham.

2. Quando o povo de Deus se reúne

(Ed 1.3-6) – O edito de Ciro tratava-se de uma convocação, mas, também, era um grande questionamento: *“Quem dentre vós, de todo o povo dele, será com Deus (...) e construirá a casa do Deus de Israel”* (Ed 1.3 – E.S.). O Senhor despertou Ciro, mas ainda faltava o engajamento do povo de Israel na obra que haveria de ser realizada. Os judaítas foram chamados a participar da reconstrução de Jerusalém. Mas tinham que demonstrar uma adesão sincera a um projeto de nação. Um mutirão deveria ser formado para que se pudesse retomar a vida na cidade de Paz.

Todos aqueles que peregrinaram por lugares distintos seriam ajudados com recursos para a construção da casa do Senhor porque Ciro prometeu: *“os homens daqueles lugares lhes darão prata, ouro, propriedades, animais com ofertas voluntárias (...)”* (Ed 1.4b – E.S.). Segundo o edito de Ciro, os judaítas e os benjamitas não chegariam a Jerusalém como os refugiados, enfurnados, famintos e desidratados; mas chegariam com suas mãos cheias de dádivas recebidas graciosamente pelo caminho. Não seriam como os antigos hebreus (habirus – empoeirados) que chegaram do êxodo a Canaã. Naquele dia, os chefes de Judá e Benjamim se *“levantaram para servirem a Deus”* (Ed 1.5 – E.S.).

3. A restituição e a volta do povo de Deus (Ed 1.7-11)

– Na promessa original feita por meio de Jeremias, o Senhor apresenta um motivo para a sua ação contra Babilônia: *“Sim, esta é a vingança de Iahweh, a vingança de seu templo (...)”* (Jr 51.11c). Nabucodonosor havia invadido o templo de Jerusalém e levado os utensílios da casa de Deus. Dessa maneira, o Senhor retomou tudo que lhe era por direito. O rei Ciro devolveu *“pela mão de Mithredah o tesouro e entregou a Shashvasar (...)”* (Ed 1.8 – E.S.).

Ao se encerrar o *edito de Ciro* no versículo 4, começou a narrativa dos fatos que se sucederam à ordem do rei. No versículo 7, o texto fala que a riqueza de Israel fora toda contabilizada. É um milagre que todos os bens da casa do Senhor tenham sido restituídos nos mínimos detalhes. Tudo foi levado de volta pelo príncipe de Judá conforme a ordem do rei (Ed 1.8).

Os judaítas que estavam na Babilônia voltaram. Sabemos que a diáspora permaneceu. Os judeus continuaram espalhados pelo império persa, mas agora tinha um grupo que começara a regressar a Judá. Deus estava reunindo o seu povo (Ed 1.9-11).

4. A noção de nação começa a se firmar (Ed 2.1,2)

– Segundo o que sabemos hoje, as comunidades dos escravos no império neobabilônico se organizavam como “gueto e colônia”. O Salmo 136 diz que os judaítas ficaram: *“À beira dos canais (...) com saudades de Sião (v.1 – BJ).*



Os judaítas teriam vindo de *“Tel-Melá e Tel-Harsa, Querube, Adã e Imer”* (Ed. 2.59), também de *“Casifia”* e outros locais como *“Calah, Nínive, Gozan, Nippuh”* (ROSSI).

Os judaítas que voltaram precisavam constituir o sentimento gregário de povo. Tinham que reconstituir o anseio pela pertença. Os que tinham *“tornado a Jerusalém e Judá, cada um para a sua cidade”* (Ed 2.1c – E.S.) tinham que buscar o sentido de união, de povo de Deus. Os líderes tinham colocado os seus nomes à disposição da restauração de Israel (Ed 2.1,2).

5. A reconstrução necessária (Ed. 2.64-70) – A congregação de Judá se constituía de 43360 pessoas. Mas o texto usa uma maneira de dizer muito interessante desta liga de pessoas: era *“como uma só”* (Ed 2.64 – E.S.). As versões clássicas de Almeida não fazem jus ao sentido

aqui. Dizem que elas poderiam ser um amontoado, ajuntamento, ou até mesmo uma comunidade de pessoas. Mas tais concepções não conseguem alcançar o sentido. Havia uma coesão, afinidades duramente construídas como resultado de décadas de sofrimento. Formavam *“uma só alma”*.

Essas pessoas que chegaram a Jerusalém trouxeram seus bens e pertences em prol do projeto que regia a união de Israel (Ed 2.65,66). A construção da casa do Senhor era a grande roda que movimentava os corações dos judaítas que haviam retornado àquele lugar: Os *“chefes dos pais (...) deram voluntárias ofertas para a Casa de Deus, para a fundarem no seu lugar”* (Ed 2.68). Foi nesse contexto que Jerusalém, a antiga cidade templária de Sião, voltou a ser povoada pelos *“sacerdotes e levitas e muitos do povo”* (Ed 2.70 – E.S.).

6. O culto no seu devido lugar (Ed 3.1-7) – A primeira tarefa que os filhos de Israel puseram a fazer foi a construção do altar. O sacerdote Josué e o governador Zorobabel iniciaram a obra. O livro do profeta Ageu nos informa que essa obra ficou muito tempo inacabada. A construção que começara passaria por diversos percalços antes de ser concluída. Tanto que o povo, vinte anos depois disse: *“Não veio ainda o tempo, o tempo em que a Casa do SENHOR deve ser edificada”* (Ag 1.2).

O rei Cambises revogou o edito de Ciro quando recebeu missivas dos sírios, informando que os judaítas se rebelaram contra os propósitos originais de Ciro, querendo se fortificar. Por isso, o rei proibiu a continuidade das obras por muito tempo. Foi necessário a chegada de Dario II ao poder para que liberasse as obras novamente (JOSEPHO; JOHNSON).

As primeiras providências do marco zero da reconstrução do culto, todavia, foram dadas por aqueles que logo chegaram a Jerusalém. Naquele altar tosco, sem pedras lavradas (HOLLADAY), os filhos de Israel *“ofereceram ofertas, como está escrito na lei de Moisés”* (Ed 3.2b – E.S.). Desta maneira, estabeleceram o altar [*mitsbaeh*]. O que sem dúvida é o renascer do culto de Israel, pois *“o altar é o lugar do sacrifício, o ato principal do culto de Israel”* (DE VAUX). Desta maneira, os filhos de Judá interpretaram que naquele exato momento a *“história de Israel estava recomeçando”*. Um novo Israel tinha *“um centro visível”* (STEINS).

7. A organização do culto de Jerusalém (Ed 3.9-13) – O versículo 8 é uma nota histórica que finaliza o refundar do culto, mas também funciona como um título para o que será narrado do versículo 9 em diante. Josué, Cadmiel, Henadade e seus pares passaram a ser os supervisores do culto de Judá (Ed 3.9 – E.S.). Este era o grupo de levitas que tinham a função de coordenar os trabalhos do templo. O termo utilizado aqui é *lamenasseah* (coordenar ou dirigir) muito parecido com a ideia de um regente de coro (HALLADAY). A obra se desenvolvia como se fosse uma sinfonia bem harmonizada, com tudo no seu lugar.

Os trabalhadores refundaram o altar de Jerusalém, com os *“sacerdotes vestidos, com trombetas, e os levitas filhos de Afafe para louvarem a YHWH sob a mão de Davi”* (Ed 3.10 – E.S.), conforme o rito que Davi tinha estabelecido (2Sm 6.1-15) um cortejo foi preparado para aqueles que eram da casa do Senhor tal como é apresentado no Salmo 150: *“Louvai ao SENHOR! Louvai a Deus no seu santuário”* e *“Louvai-o com o som de trombeta; louvai-o com o saltério e a harpa”* (Sl 150.1,3). Este hino descritivo dos atributos de Deus teria dado o direcionamento para a restauração do culto do Senhor em Jerusalém (WESTERMANN; GOTTWALD).

Tudo foi ao som de grande voz. As vozes eram indistintas. A cerimônia teve toda a dramaticidade que era esperada dos judaítas. A alegria e o choro do povo eram confundidos por quem estava a longa distância (Ed 3.13).

» A LIÇÃO EM FOCO

1. O povo de Judá que estava em cativeiro, depois de 70 anos, viu a profecia do Senhor se cumprir. O Senhor levantou um libertador que dominou os babilônios. Como um dos seus primeiros atos, ele reconheceu que o Deus dos céus lhe ordenou para reconstruir Jerusalém e fazer o povo de Deus retornar para sua casa. Assim, os filhos de Judá foram reunidos e chamados a retornar a Jerusalém e a reconstruí-la.
2. A partir do edito de Ciro, os judaítas retornaram à sua terra. Essa terra lhes tinha sido tirada por causa do pecado de Judá contra o seu Deus. Babilônia tinha sido o instrumento do Senhor para corrigir o seu povo, mas chegou o momento que o Senhor Deus de Israel os trouxe de volta. Desde então uma noção do que era verdadeiramente povo de Deus veio à mente de todos. O povo como uma só alma começou sua jornada à casa de Deus. Todos desejavam reconstruir a casa de Deus.
3. Como no passado, algo que o povo de Deus deve se esmerar por fazer é centralizar o culto ao Senhor em todas suas iniciativas. Esta deve ser a prioridade de vida dos filhos de Deus. Todas as nossas ações devem ser feitas em louvor a Deus.

» PRA TOMAR UMA ATITUDE

É provável que muitos que viviam na Babilônia por décadas imaginassem que era impossível a volta para Jerusalém. Mas para Deus nada é difícil ou impossível. Ele está presente mesmo quando o mundo parece caótico ou em ruínas. Como servos de Deus devemos reconhecer que estamos sob a sua vontade e, por isso, fazemos o que ele deseja. Até as autoridades deste mundo não podem negar-lhe o seu querer (Ed 1.2). Se estivermos cientes do mover de Deus na história seremos capazes de vê-lo agindo na vida do seu povo, não importam as aparências. Se nos unirmos em torno da sua vontade seremos um povo que “louvará ao Senhor em todo tempo” (Sl 71.6).

ENCARANDO OS MAUS VIZINHOS

TEXTO BÍBLICO

ESDRAS 4.1-24

TEXTO ÁUREO

ESDRAS 4.3

» PRA COMEÇAR

Existe uma regra muito utilizada no meio das atividades esportivas que é chamada de **“WO”**, que é uma abreviação do termo inglês *“without opponent”* ou *“walkover”* [vitória fácil]. Geralmente, é aplicada a regra quando se refere a situações em que o oponente se sente impedido de comparecer, ou quando não existe um adversário presente. Fora do mundo dos esportes pode se referir também a solenidades como a colação de grau, ou eleição, ou concurso público, em que implicaria uma desclassificação de concorrentes.

No contexto de restauração de Judá e Jerusalém, logo os judaítas descobriram que estavam participando de um jogo muito sério. Para retornar e se estabelecer novamente na terra santa, tiveram que perceber que havia oponentes muito dispostos a impedi-los de se assentarem novamente na região. Não era o caso de terem uma “vitória fácil”, sem quaisquer dificuldades. Um jogo político (GEERTZ; GOFFMAN) começou a ser jogado entre a capital do império persa e os representantes regionais da satrapia da Síria e de Judá. Nossa lição nos mostrará que apesar do retorno de Israel estar nos planos de Deus, era necessário que o povo se engajasse numa luta para alcançar seus objetivos. Estudemos juntos esse cenário bastante revelador das dificuldades enfrentadas pelo judaíta, mas que, muitas vezes, podem acontecer ainda hoje com o povo de Deus.

» COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

1. As causas da oposição (Ed 4.1-6;

Ed 4.7) – O texto de Esdras 4.1-7 é formado de três elementos visíveis, que podem ser facilmente grafados assim: Esdras 4.1-2a+ 2b-6+7. Este texto do ponto de vista temático divide-se da seguinte maneira: a) a chegada dos adversários de Judá e Benjamim (narrativa em prosa) – v. 1, 2a; b) a proposta dos inimigos de Judá para a sua participação na construção da casa do Senhor e a rejeição da proposta por parte de Judá (diálogo reconstruído em forma de narrativa) – v.2b-6; c) a nota narrativa sobre o envio de uma carta ao rei Artaxerxes – v.7.

Podemos ver que no primeiro encontro entre as partes dos que estavam na terra e dos que acabavam de chegar foi marcado por desavenças. Na verdade, a relação entre os repatriados e os já estabelecidos em Judá se mostrou logo de saída bastante conflitiva (RENTTORFF).

Algum tempo já havia passado, e Shashvasar não era mais o líder da comunidade dos judaítas. Agora *Zerubabel* ou *Zorobabel* era o então líder político dos que tinham subido da região do Transeufrates (DONNER). Na condição de líder da comunidade dos restaurados, Zerubabel recebeu visitantes ilustres, que fizeram a seguinte proposta:

*Construamos convosco,
porque como vós,
buscaremos vosso Deus (...)
nos dias Esar-Hedron,
rei da Assíria que nos trouxe
para cá (...)* (Ed 4.2b-2c – E.S.).

Existem alguns fundamentos para a proposta dos adversários dos judaítas a Zerubabel. O livro de 2Reis 17, a partir do versículo 24, diz que por causa dos pecados de Israel o Senhor deixou a Assíria invadir o país. Samaria foi tomada pelos iminigos e o rei assírio mandou que povos vindos de Babel, de Cuta, de Ava, de Hamate, e de Sefarvaim se estalassem em Samaria. Mas algo curioso aconteceu, leões começaram a matar os novos habitantes, com isso o rei assírio mandou que viessem sacerdotes do Senhor, para ensinarem a adoração ao Deus de Israel (2Rs 17.27,28). Então, aquilo não era um engodo da parte dos samaritanos como creem alguns. É possível que muitos dos samaritanos fossem adoradores de YHWH, Deus de Israel, como pode ser observado em João 4.6-29.

O problema dos judaítas se colocava em uma situação diferente. O entendimento era que se deixassem os habitantes da satrapia da Síria ajudar a construção do templo de Jerusalém, a autodeterminação do povo judeu

seria colocada em risco. Os judaítas queriam se constituir como nação. Por isso, Jerubabel e Jesuá disseram algo que foi o estopim da desavença: “Não para vós e para nós em união para o YHWH Deus de Israel como ordenou o rei Ciro (...)” (Ed 4.3b-c – E.S.). Os samaritanos sentiram-se rejeitados em seu oferecimento na construção do templo (LASOR, HABBARD e BUSH).

Foi assim que começou uma série de ações por parte dos samaritanos para embargarem a construção do templo e das muralhas de Jerusalém (Ed 4.4-6). A estratégia em primeiro lugar consistiu em suborno de conselheiros de Judá, visando à frustração da liderança no seu plano de reconstrução (Ed 4.5). Entre os anos 539-425, os judaítas não conseguiram reconstruir o templo, de Ciro II ao rei Artaxerxes (Ed 4.5-7).

2. A identidade dos inimigos do povo de Deus (Ed 4.8-11) – Até o versículo 7 o texto não revela o nome de nenhum dos opositores de Judá, na questão do seu reassentamento. O nome dos vice-reis persas na região não é mencionado. Foi somente a partir do versículo 8 que nomes começam a ser referenciados. O texto diz: “Reum, senhor em comando e Sinsai, o escriba, escreveram uma carta sobre Jerusalém a Artaxerxes, o rei (...)” (Ed 4.8 – E.S.).

Na verdade, Reum e Sinsai escrevem cartas em aramaico para a corte do rei Artaxerxes (LASOR, HABBARD e BUSH). Estas cartas foram parar no arquivo dos reis persas. Este mesmo arquivo posteriormente foi acionado para providências contra os judaítas. Reum e seu secto indispuseram o rei contra os judaítas que haviam chegado em Judá.

3. A carta dos inimigos (Ed 4.12-16) –

A missiva de Reum e Sinsai tem todas as características de um documento oficial. Esta era uma carta da satrapia à metrópole dirigida ao rei, sem intermediários: “Saiba o rei que os judaítas (...) para Jerusalém, cidade rebelde e má, edificaram muros, completaram uma fundação [para] os separar (Ed 4.12 – E.S.). A acusação era de que aquela nação rebelde e reincidente estava se fortificando. Segundo os que remetiam a carta, os judaítas estavam a um passo da rebelião.

Para a manutenção do argumento só precisavam fazer uso das histórias pregressas de Judá e Israel, e propor um cenário possível. Assim, os judaítas estavam sendo acusados de conspiração e alta traição. Segundo a satrapia, após a construção dos muros, Jerusalém se negaria a pagar “tributos e corveias (...) e o “tesouro dos reis [seriam] lesados” (Ed 4.13 – E.S.). A ideia era que assim que os judaítas se sentissem seguros iriam trair a Pérsia. Isto já havia acontecido antes. É necessário apenas nos lembrar de Joaquim, filho de Josias (2Rs23. 31- 24.7). Esse fato está registrado nos anais dos reis de Judá (2Rs 24.5). De posse desses fatos passados, dizendo-se leais funcionários do palácio, queriam evitar “a desonra do rei” (Ed 4.5). Isto em razão de serem “sinceros”.

Naquele contexto, Sinsai e Reum pedem que o rei consulte os livros das memórias do rei Xerxes I. Lá seriam encontradas diversas informações que levaram Cambises II, filho de Ciro, a invalidar o edito para os judaítas (DONNER). Por isso, disseram: “(...)

te informarás, porque a cidade, esta cidade rebelde, é lesiva aos reis e às satrapias” (Ed 4.14 – E.S.). Dessa maneira, Artaxerxes saberia por que a Jerusalém foi devastada. Segundo os prognósticos dos sírios, assim que o judaítas estivessem por trás dos seus muros, negariam os direitos dos reis da Pérsia (Ed 4.16).

4. Quando o inimigo é forte (Ed 4.18-22)

– O versículo 17 é uma saudação da parte de Artaxerxes, servindo de introdução para uma missiva endereçada ao vice-rei Reum e seus comandados. A carta é uma resposta à postagem anterior em que Reum e Sinsai sugeriam ao rei que consultasse os anais de Xerxes. O rei persa confirmou todas as acusações do sátrapa: “encontraram que esta cidade (...) levantou-se contra os reis. Tem sido arrogante, rebelde e revoltosa” (Ed 4.18-20). Os pecados de Jerusalém, apesar de terem sido perdoados (Is 40.2; 56.1-12), estavam registrados na história. E o escriba e o vice-rei sírio utilizaram-se disso para envenenar o rei contra os judaítas.

Tudo aconteceu como tinha sido maquinado por Reum e Sinsai. Jerubabel e os judaítas ficaram totalmente à mercê daqueles homens. Os judaítas foram impedidos de seguir em sua obra. O edito do rei era claro: “Agora dai ordens para cessar a estes homens. Esta cidade não será construída até que eu mande fazer” (Ed 4.21).

O versículo 22 ainda é algo como uma ameaça do rei contra os judaítas. Os judaítas não podiam nem se pronunciar sobre a injustiça imposta sobre eles, sob pena de serem considerados

Os judaítas não podiam nem se pronunciar sobre a injustiça imposta sobre eles, sob pena de serem considerados negligentes

negligentes. Em tal situação, com o rei sabedor dos fatos progressos de Judá, haveria um agravamento dos problemas. O texto diz que isto iria “aumentar a injúria e o dano” (Ed 4.22c) aos reis persas.

Neste jogo político, Reum e Sinsai deram um “nó tático” em Zerubabel e os judaítas. Eles nada podiam fazer a não ser esperar a ordem do rei.

5. Embargo da obra (Ed 4. 23,24)

– Os fatos que se sucederam eram evidentes àquela altura. O vice-rei e seus comandados retornaram a Jerusalém de posse da carta do rei em suas mãos e paralisaram as obras na casa de Deus. O texto diz que houve uso de força desproporcional para que as obras parassem, com “força e violência” (Ed 4.23c).

A narrativa encerra com uma marcação histórica que permite ao leitor datar aqueles fatos. A construção ficou parada “até o ano segundo de Dario, o rei da Pérsia” (Ed 4.24). Possivelmente, a obra ficou parada entre os anos 450 a 422 a.C. Ninguém mais pode “tocar” a obra da casa de Deus em Jerusalém.

» A LIÇÃO EM FOCO

1. Sabemos que os primeiros momentos dos filhos de Judá em sua terra foram marcados por desavenças e muitos conflitos. Nem todos eram bem-vindos para estarem na casa de Deus. Mas os filhos de Deus precisam ser firmes na sua missão para com a vontade de Deus. Há necessidade de que nós, os servos de Deus, assumamos a tarefa que foi colocada de fazer a vontade de Deus em detrimento de qualquer outra questão. Mesmo que isto provoque dificuldades em nossa caminhada.
2. Os inimigos do povo de Judá lançaram mão de todos os recursos que tinham para se oporem à intenção dos judaítas. Usaram documentos oficiais para expor Judá, fazendo uso da história de Israel. Assim, os atos antigos traziam descrédito sobre Judá. Desta maneira sabemos que o nosso agir pode muitas vezes se virar contra nós mesmos. No serviço do Senhor precisamos cuidar das nossas ações para não atrapalharmos a obra de Deus.
3. Devemos cuidar sinceramente do nosso andar de maneira que nada nos impeça de fazer a vontade de Deus, para que possamos ser fiéis ao seu querer.

» PRA TOMAR UMA ATITUDE

Quando temos uma tarefa para cumprir, e as pessoas que se dispõem a nos impedir usam as nossas fraquezas para isso, o que podemos fazer? Em primeiro lugar, devemos pedir a Deus perdão pelos pecados que cometemos em nossa caminhada, pedir que ele nos purifique de toda injustiça (1Jo 1.9). Em segundo, devemos com toda humildade não desistir da tarefa dada a nós porque o Senhor é capaz de fazer o seu povo prosperar em seus intentos.

UMA LUTA ATRÁS DA OUTRA

TEXTO BÍBLICO**ESDRAS 5.1-17****TEXTO ÁUREO****ESDRAS 5.2****» PRA COMEÇAR**

Às vezes, é muito difícil lidar com as expectativas durante uma caminhada árdua. Levamos muito tempo para conter nossos ânimos de modo a assumir controle dos nossos sentimentos em situações como essas.

Quando as crianças viajam com seus pais, tão logo começa o deslocamento, perguntam: falta muito? É a “ansiedade de chegada” que as atormenta durante todo o trajeto. Somente com o tempo, o conhecimento da paisagem, o domínio do panorama que o coração vai se acalmando. Na realidade, alguns de nós somente na maturidade entendemos que algumas batalhas da vida, e alguns desafios, são realmente difíceis. Este é um dos elementos que levam a valorização da vitória alcançada. Não é toda hora que temos desafios que são facilmente conquistados. Muitas vezes, nossas dificuldades são histórias para muitos capítulos.

Na lição de hoje veremos que a restauração do povo de Judá foi uma luta atrás da outra. Já havia passado mais de 110 anos desde que Ciro tinha assinado o seu edito (DONNER). Os judaítas já haviam retornado para sua terra natal, e até aquele momento o povo de Judá ainda não tinham recebido a nova autorização para a construção da casa de Deus e dos muros de Jerusalém. Precisamos seguir passo a passo com a Bíblia nas mãos, buscando aprender como Deus dá o livramento para o seu povo.

» COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

1. A necessidade da presença profética (Ed 5.1) – O nosso texto inicia-se com a chegada no cenário da restauração de dois novos personagens importantes. Esdras 5.1 menciona Ageu e Zacarias, que são comumente chamados de “Profetas da restauração”. O leitor poderá conhecê-los de forma mais detida lendo os livros dos profetas Ageu e Zacarias. Na verdade, estes livros são importantes para reconstruir as informações sobre esse período da história de Israel (GOTWALLD).

O texto diz que: *“E o profeta Ageu e o profeta Zacarias filho de Iddo profetizaram aos judaítas”* (Ed 5.1 – E.S.). Os homens de Deus agora são os novos participantes do jogo disputado em Jerusalém. Algumas outras pessoas já tinham passado pela tarefa de reconstruir Jerusalém. Agora, foram escalados os profetas para atuarem entre os judaítas. O texto diz também que o *“nome do Deus de Israel era sobre eles”* (Ed 5.1c – E.S.). Esta expressão funcionava como uma certificação de que estavam a serviço de Deus (KIDNER).

2. A liderança pessoal precisa do apoio espiritual (Ed 5.2) – É muito importante não deixar passar despercebida a contribuição que os profetas deram no contexto da retomada da reedificação de Jerusalém. O texto de Esdras 5.2 diz que o

governador e o sacerdote recomeçaram a construção da casa de Deus: *“E então pôs-se em pé Zerubabel filho de Sealtiel, e Josuá filho Jozadak”* (Ed 5,2a – E.S.). O termo utilizado ali é *qamu* [estar em pé, estabelecer-se]. William L. Holladay acena com a possibilidade de também traduzir este termo como “endurecer”, ou “continuar”, podendo ser entendido que não apenas ficaram em posição, mas também ficaram “firmes”. Estavam dispostos e fortificados em sua posição.

O novo ânimo que Zerubabel e Josuá tomam não de forma alguma gratuita. Na verdade, o texto expressa isso explicitamente. O livro de Esdras diz que eles eram apoiados pelos profetas de Deus: *“os profetas de Deus estavam com eles, dando-lhes apoio”*. O sentido aqui é que os profetas estavam juntos. Eles permaneceram unidos por quatro anos (KIDNER). Zerubabel e Jesuá mantiveram-se firmes porque sabiam que Deus estava com eles a cada instante da reconstrução.

3. Conhecendo o inimigo (Ed 5.3-5) – Uma dificuldade que os judaítas tinham em sua tarefa de reconstruir o templo era porque não sabiam quem eram os adversários que estavam embargando a obra. Quando eles começaram a reconstruir o templo,



apareceram novos inimigos: Tatenai e Setar-Bozenai. Tatenai era outro governador. O texto diz que Tatenai era “governador d’além rio” (Ed 5.3 – E.S.). Possivelmente, era um oficial persa de alguma região do Transeufrates. Estes foram até os judaítas para inquirir quais autoridades haviam permitido a reconstrução do templo. E foram em grupo. O termo que o texto de Esdras utiliza é *kenawathehun* [associados, ou colegas]. Esta palavra só aparece quatro vezes na Bíblia, todas em Esdras (4.23; 5.3; 6.6,13). Estes poderiam ser também chamados de “príncipes, políticos, procônsules e oficiais de províncias” (HENRY). Assim, havia um “batalhão de políticos” para se opor à construção da casa de Deus mais uma vez. A ideia era que não eram poucos. Assim, Zerubabel e Josué estavam lutando contra um inimigo muito poderoso. Na verdade, eles queriam saber tirar os nomes

dos líderes que estavam envolvidos na construção (Ed 5.4).

Os líderes de Judá mantiveram-se firmes, pois sabiam que Deus estava com eles. O texto diz: “os olhos do Deus deles era sobre os anciãos” (Ed 5.5a – E.S.). A ideia que faz lembrar o “orvalho durante a primavera”. Assim, os anciãos sentiam paz em permanecer em sua tarefa, ou a ideia de que estavam sob a vigília de Deus (HARRIS et al). Mesmo reconhecendo que o inimigo era muito poderoso, sabiam que o fato decisivo era aquele que se daria pela palavra do rei Dario II (Ed 5.5b).

4. Conhecendo as armas do inimigo (Ed 5.6-11) – Os inimigos dos judaítas, agora *Tatenai* e *Setar-Bozenai* e seus associados, eram muito poderosos. Isto se dava principalmente porque eles sabiam os trâmites para falar com o próprio rei. A missiva

que enviaram era direta. Era um canal sem interrupção. A carta dizia: *“a Dario, o rei toda a paz”* (Ed 5.7b – E.S.). Eles tinham um contato com as autoridades de modo que podiam influenciar definitivamente os rumos das questões de natureza política.

A carta tinha sido escrita em aramaico, o que constituía um problema a mais para os judaítas, uma vez que esta era a língua corrente no império. Os judaítas foram levados a adotar aquele idioma, todavia, para se comunicarem com o rei teriam que adquirir destreza no dialeto oriental.

Na carta havia um relatório das atividades: *“fomos à satrapia de Judá, a casa do Deus, o grande, construída com pedra grande (...)”* (Ed 5.8a – E.S.). Na sequência, informaram que tudo estava bem adiantado (Ed 5.8c). Informaram também que diante da insistência deles, conseguiram sair de lá com o nome dos que estavam encarregados da construção do templo (Ed 5.9,10). Mas eles disseram que eram *“servos do Deus dos céus e da terra”* (Ed 5.11).

5. Tendo coragem de rebater o inimigo (Ed 5.12-16) – Após os judaítas se afirmarem como servos do Senhor, Deus dos céus e da terra, apresentaram a sua leitura da história. O que tinham a dizer ao rei Dario era a sua confissão de pecado que interpretava porque Deus tinha deixado o seu povo cair em desgraça (WESTERMAN). Diziam: *“enfureceu nossos pais a Deus dos céus. Entregou ele na mão de Nabucodonosor (...)”* (Ed 5.12a-b – E.S.). Mas ele

tinha a perfeita percepção de que o Senhor os tinha perdoado, conforme a palavra do profeta Isaías (Is 40.1). Sabiam que pela mão do Senhor o rei Ciro havia sido eleito para libertá-los (Is 45). Por isso, disseram: *“No ano primeiro de Ciro, rei da Babilônia, Ciro o rei, deu ordem que esta casa de Deus fosse construída”* (Ed 5.13).

Os judaítas tinham um relato coerente, que poderia servir de contraponto ao discurso de Tatenai e seu colegiado. Eles lembraram do primeiro rei da dinastia do império medo-persa, coisa que não devia ser ignorada pelo rei Dario. Eles mencionaram que foi o próprio rei Ciro que autorizou, como governador, para reconstruir o templo (Ed 5.14). Mas também estavam cientes das injunções políticas que impediram que o trabalho fosse concluído.

6. A construção mesmo em tempo de crise (Ed 5. 17) – Nesse contexto em que os anciãos pediram a única coisa que poderia reverter a situação viviam. Eles tinham o conhecimento do que poderia fazer a diferença. Eles sabiam do teor dos anais dos reis da Babilônia. Por isso, pediram a Dario que averiguasse se o que diziam procedia. Se o rei estivesse de acordo que: *“busque (...) se Ciro, o rei, deu ordem para construir a casa de Deus (...)”* (Ed 5.17a-b – E.S.).

Foi dessa forma que os judaítas começaram a reverter toda a crise que viviam. Os persas tinham que respeitar a lei de Ciro. A lei do rei persa era permanente e, por isso, tinha que ser obedecida.

» A LIÇÃO EM FOCO

1. A necessidade da presença profética (Ed 5.1). Com a chegada dos profetas Ageu e Zacarias, uma nova página da história da restauração de Judá começa a ser escrita. Estes servos de Deus vieram participar dos esforços de reconstruir Jerusalém. Vieram para falar em nome do Deus de Israel (Ed 5.1c). Com isso, governador e o sacerdote de Judá sentiram-se apoiados na tarefa que tinham diante de si. Com a presença dos profetas, a disposição do povo foi renovada.

2. A liderança pessoal precisa do apoio espiritual (Ed 5.2). Um passo importante na luta que os judaítas tinham eram determinar quem estavam enfrentando. Os oficiais persas eram os líderes das províncias da Palestina. Nessas horas, é de extrema importância permanecer firme, porque Deus está cuidando de todos os seus servos. Dessa maneira, podemos manter a paz e procurar com toda diligência entender tudo que está acontecendo a nossa volta.

» PRA TOMAR UMA ATITUDE

É muito importante ter convicção de como Deus tem atuado na vida do seu povo. Saber que Deus perdoou os nossos pecados e nos deu a salvação, trazendo-nos de volta à sua casa. Assim, os servos de Deus têm uma história para contar. Quando as pessoas buscam saber a razão da nossa esperança devemos dizer o que sabemos. O Senhor levanta homens e mulheres para agirem em prol da sua causa no momento adequado. Diante das nossas dificuldades, devemos crer que Deus nos dará a palavra correta para cada situação, de modo a fazer diferença diante dos problemas da vida.